



# MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

01 de Março de 2011

## **Fora a intervenção do imperialismo na revolução! Pela autodeterminação da Líbia! O destino de Kadafi pertence apenas ao povo líbio! Que o governo de Dilma rompa com a farsa dos Direitos Humanos ditada pelos Estados Unidos!**

A decisão do imperialismo de intervir na guerra civil da Líbia evolui rapidamente. É preciso que o proletariado, os demais explorados e a juventude mundial levantem a bandeira de *Fora o imperialismo da revolução democrática na Líbia!* Quem deve derrotar a ditadura de Kadafi e decidir sobre o seu destino são as massas em luta. Que a revolução não aceite nenhuma “ajuda” das potências e que não se apóie em nenhuma decisão do imperialismo. Por trás delas, vem a dominação sobre os países semicoloniais.

Os Estados Unidos e o bando de carnívoras que os segue não ajudam ninguém! Militarizaram o mundo para manter a ordem internacional do capitalismo putrefato. Combateram o Kadafi nacionalista até curvá-lo. Passaram a sustentar o seu despotismo pró-imperialista. Agora, querem controlar a revolução democrática. Precisam de um novo governo fantoche manietado pela Casa Branca. A intervenção dos Estados Unidos conta com a unanimidade da Inglaterra, França, Alemanha e Itália. Um cerco à Líbia e a influência dos Estados Unidos na derrubada de Kadafi estrangulam a revolução democrática no seu nascedouro. Não pode haver transformação revolucionária com a interferência do capital monopolista. O imperialismo expressa o capitalismo apodrecido e voraz. Usa sua força econômica e militar para manter as nações semicoloniais submetidas. A ofensiva dos Estados Unidos contra o governo de Kadafi se encontra no lado oposto ao do levante popular e ao da bandeira de fim do despotismo.

A revolução em marcha deve responder claramente: quem decide sobre a legitimidade ou não do governo Kadafi somos nós líbios. Não queremos suas armas! Repudiamos suas medidas de cerco econômico e financeiro. Não nos enganamos com a sua bandeira de Direitos Humanos embebida de sangue do povo iraquiano e afegão. Não nos enganamos com a sua bandeira de Direitos Humanos alimentada pela fome e miséria de africanos, latino-americanos, asiáticos. Não nos enganamos com a sua bandeira de Direitos Humanos defendida com as Frotas Marítimas, com a mortífera Força Aérea e com os marines. Vocês, imperialistas, não obtiveram na ONU acordo unânime de criar a zona de exclusão e de cercar militarmente a Líbia, no entanto já estão implementando-os. Enquanto os seus serviços, entre eles o governo de Dilma Rousseff, aceitavam fazer parte de uma frente única imperialista sob a bandeira dos Direitos Humanos, vocês, potências, estavam muito à frente com os preparativos intervencionistas. Enquanto seus serviços faziam discursos sobre direitos universais, vocês, imperialistas, movimentavam seus navios de guerra e preparavam os caças para os bombardeios.

A Itália que se valeu do petróleo líbio e do acordo de bloqueio do fluxo migratório cumprido por Kadafi acatou, sem mais nem menos, a exigência dos Estados Unidos para romper o acordo de não agressão. Prepara-se para a tal da “eventualidade”. Kadafi reclamou que seus amos o abandonaram. Que tinham um objetivo comum de combater o terrorismo. Que a Líbia vinha cumprindo com os seus deveres perante as potências. O ditador, assim, se sente traído pelos seus amos.

O imperialismo se serve dos governos indistintamente da forma de regime. Os mais talhados à função de títeres são os autocratas. São os Mubaraks. Kadafi abandonou o nacionalismo para sobreviver como governo pró-imperialista. Diante do levante, não ouviu a ordem de Hillary Clinton para que deixe o governo antes que a revolução avance e vá mais além do que espera o imperialismo. Os Estados Unidos o abandonaram para influenciar os acontecimentos. Sustentar o ditador significaria colocar nas mãos dos sublevados a bandeira antiimperialista. O imperialismo não traiu Kadafi. O imperialismo tão-somente não precisa mais de Kadafi. O pior que pode acontecer na Líbia, para o imperialismo, é emergir da revolução um governo nacionalista que incentive o ódio antiimperialista das massas. Os Estados Unidos estão prontos para intervir contra essa possibilidade e por constituir um governo dócil e capaz de usar contra a revolução a autoridade emanada do levante.

A burguesia norte-americana e seu bando de corvo europeu intervêm para que a sublevação não tenha uma solução sem a interferência do imperialismo. A reclamação do governo brasileiro de que “a proteção dos direitos humanos não deve servir de pretexto para ações unilaterais sem o apoio da comunidade internacional” é uma imbecilidade. É um sinal de covardia. As ações unilaterais já estão em andamento. Não há política de direitos humanos em geral. É necessário que os explorados rechacem o alinhamento do governo brasileiro por trás da diretriz dos Direitos Humanos concebida pelos Estados Unidos.

A intervenção do imperialismo não põe em risco o regime de Kadafi, mas sim a revolução. Defender a revolução é defender a autodeterminação da Líbia frente ao imperialismo. É defender a constituição de um governo revolucionário que exproprie o capital monopolista e que o coloque sob o controle operário e dos demais explorados.

Viva a revolução na Líbia!

Abaixo o intervencionismo imperialista!